5 Conclusão

A antropologia teológica, mais do que uma disciplina setorial dogmática, é marcadamente intrínseca a toda a teologia cristã. A busca pelo humano integrado, objeto da antropologia cristã, não deve apenas assimilar as belas imagens bíblicas ou os aprofundamentos da teologia posterior aos apóstolos, mas deve ser um incansável trabalho, sempre em atualização.

Desde que, no exercício da coragem do diálogo com a cultura helênica, os primeiros cristãos, oriundos de orientação religiosa predominantemente semita, quiseram se empenhar no ideal missionário, foi necessário também assumir os riscos desse relacionamento³⁴³. Necessário era na época o instrumental do platonismo e dos estoicos para que o diálogo prosseguisse nos primeiros séculos do cristianismo. Assim, como da parte dos cristãos era impossível total neutralidade, mesmo com todo esforço do discernimento na fé, se envolveram assim esses cristãos com a concepção dualista do ser humano, gerando interpretações que menosprezavam a corporeidade e a materialidade. Por certo, essa realidade não poderia ser plenamente evitada.

Com o passar dos séculos, o cristianismo emoldurou na mentalidade dualista muitas de suas experiências, empobrecendo-se em vários momentos de sua história. No entanto, não obstante a permanência do dualismo nos vários setores e confissões cristãs, a teologia mais recente tem redescoberto a fecundidade da orientação bíblica a respeito do humano. Exemplo desse esforço é a Constituição pastoral do Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*), e os movimentos de teologia e exegese do século vinte, representados por católicos (Rahner, Ratzinger, Auer, Ladaria, Ruiz de la Peña, etc.), e protestantes (Wolff, Moltmann, Pannenberg, e outros).

Hoje, temos o movimento pentecostal com sua pluralidade no Brasil, alegando legitimidade e força, suficientes para ser reconhecido como um movimento cristão, apesar das críticas hostis que recebe até o presente. Nosso trabalho procurou contribuir teologicamente para a compreensão da dimensão antropológica do movimento pentecostal brasileiro, em sua maior representação

³⁴³ Para uma releitura deste momento histórico do cristianismo, remetemos ao início do sexto capítulo da obra fundamental de García Rubio. Cf. RUBIO, *Unidade na pluralidade*, pp. 239-255.

(Assembleia de Deus), quantitativamente destacada até o momento desta pesquisa. Buscamos ainda compreender as questões mais relevantes que aparecem na relação entre as tipologias do pentecostalismo brasileiro e o tema do dualismo antropológico, com base em algumas teses do teólogo Alfonso García Rubio. Interesse básico de nosso trabalho, mais do que *especular*, foi tanto aprofundar o entendimento de descrições antropológicas já fornecidas por pesquisadores do referido movimento (Mariano, Alencar, Freston, Passos, Proença, entre outros), quanto revisitar os pressupostos históricos da força do dualismo antropológico no movimento, e essa análise, acreditamos, mesmo longe de estar terminada ou de representar total novidade, tentou descortinar um importante horizonte para a abordagem teológica dos pentecostalismos.

Creemos que conseguimos ao menos tocar em pontos fundamentais para respondermos algumas questões mais urgentes nesse trabalho, apesar dos momentos em que nos faltaram bibliografias mais sólidas.

Primeiro ponto: qual a situação básica do pentecostalismo brasileiro, pela qual o dualismo encontrou guarida permanente? Encontra-se essa resposta na formação histórica do movimento, pelo menos do início da década de 1910 até a década de 1940. A identidade antropológica dos membros da Assembleia de Deus brasileira se enraizou na visão sociologicamente contracultural dos missionários suecos que a fundaram, e também na visão de líderes nortistas e nordestinos, de certa forma acomodada à situação de marginalização cultural, social e econômica.

As outras Igrejas estabelecidas no Brasil enxergavam a Assembleia de Deus com certa hostilidade³⁴⁴ e quem sabe até preconceito, o que resultou num fechamento dessa denominação, que se estabeleceu entre uma maioria de pobres e marginais, não por ser uma Igreja que fez opção pelos pobres, mas porque os pobres fizeram opção por essa Igreja³⁴⁵.

O segundo questionamento é sobre a teologia pentecostal. A consequente teologia pentecostal definida através de seu credo, e de seu conjunto de normas rígidas (usos e costumes) e de doutrinas que buscavam legitimação na Bíblia, cristalizou o dualismo antropológico através da oficialização de conceitos como a tricotomia, concepção que compreende o ser humano tripartido em corpo, alma e

³⁴⁴ Não é sequer disfarçada essa hostilidade diante do movimento pentecostal, no livreto de F. HULING, *É bíblico o pentecostalismo?*, 3ª Ed., Rio de Janeiro, Imprensa Batista Regular, 1985.

³⁴⁵ ALENCAR, *Protestantismo tupiniquim*, p. 58.

espírito. A teorização dessa concepção foi em boa parte importada dos pentecostais norte-americanos.

Em terceiro lugar, a desvalorização do mundo e da sociedade foi sendo cada vez mais acentuada pelo *escatologismo* da Assembleia de Deus (tese central de Gedeon Alencar), no qual reinam concepções como o dispensacionalismo pré-milenarista, que enfatiza a expectativa do arrebatamento literal da Igreja, o que explica a despreocupação com os problemas sociais.

Em seguida, percebe-se que nas Igrejas neopentecostais da mídia (como no caso da Igreja Universal) não foi superado o dualismo entre matéria e espírito, céu e terra, já e ainda não, bem e mal, pois o que houve foi apenas a inversão dos polos, através da teologia da prosperidade. A esta ocorrência chamamos de *reversão dialética*, que García Rubio identificou como uma tentativa ineficaz de superação do dualismo. Justificamos então o termo *neopentecostal*, principalmente pela continuidade e descontinuidade que ele abarca entre a *primeira onda* e a *terceira onda* (Freston). Vejamos a tabela comparativa abaixo³⁴⁶, que busca caracterizar, em síntese, essas duas vertentes pentecostais pesquisadas:

	Pentecostalismo Clássico	Neopentecostalismo
Igreja principal	<i>Assembleia de Deus</i>	<i>Igreja Universal do Reino de Deus</i>
Experiência fundamental	Orar em línguas	Cura e exorcismo
Marcas características	Harpa Cristã, Escola Bíblica Dominical.	Uso da mídia, Teologia da prosperidade.
Visão antropológica	Tricotomia	Tricotomia
Forma de dualismo	<u>ESPIRITUAL</u> X corpóreo <u>CÉU</u> X bens terrenos <u>SAGRADO</u> X profano	<u>CORPÓREO</u> X espiritual <u>BENS TERRENOS</u> X céu <u>SAGRADO</u> X profano

³⁴⁶ Tabela baseada nas informações em: ALENCAR, *Protestantismo tupiniquim*, p. 151.

Por que o dualismo?	Formação histórica	Reversão dialética
Usos e costumes	Pouca Flexibilidade	Flexibilidade quase total
Escatologia	Pré-milenarismo dispensacionalista	Indefinida
Evangelização	1º Folhetos e abordagem nas ruas, 2º jornais, 3º mídia eletrônica.	1º Mídia eletrônica, 2º jornais e revistas.
Modo de governo	Episcopal “vitalício”	Episcopal
Anticaticolicismo	Forte	Forte
Ecumenismo	Contra	Contra
Estilo de culto	Oração de joelhos, grupos de louvor, “oportunidades” aos leigos, pregação improvisada.	Centralização das atividades do culto em torno do dirigente (pastor ou bispo)
Modelo cultural	Cultura da negação	Cultura da assimilação
Formação teológica	Pouca ³⁴⁷	Pouca
Contribuição cultural	Isolamento social; incentivo à leitura da Bíblia	Música <i>gospel</i> (estilos importados dos EUA)

Diante disso, por que os pentecostalismos, tanto em sua vertente clássica quanto neopentecostal, são dualistas? Não é porque se faz oração em línguas, ou porque se enfatizam experiências carismáticas, mas é dualista porque sufoca ainda hoje a dimensão histórica da luta pelas causas sociais, apresentando soluções *ahistóricas* (fora da história concreta).

Os pentecostalismos em geral recebem uma herança histórica do dualismo, sem dúvida sempre presente no cristianismo como um todo, desde seu contato com mundo helênico. O pentecostalismo clássico, devido às condições históricas anteriormente descritas, caracterizadas pelo antagonismo ao mundo secular, acabou por se sensibilizar *reativamente*, pela presença histórica do dualismo em algumas experiências cristãs.

³⁴⁷ Já é notória uma lenta e gradual mudança de postura neste quesito pela Assembleia de Deus, admitindo maior grau de formação teológica.

A causa maior do perfil dualista nos pentecostalismos não está na teologia inicialmente, mas nos seus condicionamentos históricos. A sua teologia apenas sofre as consequências disso.

Acostumados a reagir contra o mundo, em defesa da autonomia e legitimação de suas experiências religiosas diante da crítica das outras Igrejas, os pentecostais clássicos, paradoxalmente, se tornaram desde cedo uma Igreja de pobres, e ao mesmo tempo, tão pouco contribuíram para a promoção de igualdade social neste país³⁴⁸. Esse não é o único paradoxo forjado pelo dualismo antropológico³⁴⁹.

Buscamos então discernir, a partir da literatura disponível, algum aspecto que abra o caminho da integração para este segmento evangélico brasileiro. Encontramos ao final uma ferida aberta, que nos faz concluir provisoriamente que não basta propor aos pentecostalismos a antropologia teoricamente correta, como bem desenvolvida na obra do autor que estudamos no capítulo terceiro. Fernando Albano, em sua dissertação de mestrado, havia se remetido apenas a esse plano teórico. Porém, acreditamos que com esse trabalho demos um passo a mais no discernimento da possibilidade real para a superação do dualismo. Vimos que no estado atual, tal possibilidade é muito pequena, mínima. Por isso, não será a melhor opção uma solução rápida como apenas mudar o credo da Igreja, cambiar a teologia oficial, trocar a tricotomia por outra posição antropológica, romper com determinado conceito escatológico, enquanto a ferida continuar aberta, gerando

³⁴⁸ Em nossa pesquisa, não encontramos registro de movimento social, intelectual, cultural ou político relevante dos pentecostalismos na sociedade brasileira, à semelhança de grande parte do protestantismo brasileiro como um todo, a não ser em momentos pontuais, em certas localidades isoladas. Uma exceção atual é a da já mencionada bancada de deputados evangélicos em Brasília. Entretanto, vemos alguns passos positivos que o pentecostalismo clássico conseguiu dar, do ponto de vista teológico e em face do momento histórico em que surgiu no Brasil, como a questão da experiência do Espírito Santo, a busca pelo convívio simples e fraterno ainda observável em boa parcela das Assembleias de Deus, e o resgate (ainda que mal articulado) da esperança cristã em meio aos sofrimentos do mundo. A pesquisadora Regina Novaes destacou em 1985 que 30% da participação nos acampamentos de trabalhadores sem terra em manifestações populares, sobretudo na Paraíba, eram de pessoas pentecostais, como acontecia desde a década de 1950, nas Ligas lideradas por Francisco Julião. Cf. R. NOVAES, *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*, São Paulo, Marco Zero, 1985 (Cadernos do ISER, 19).

³⁴⁹ ALENCAR, *Assembleias de Deus*, p. 43. O pastorado feminino, por exemplo, tem sido gradualmente aceito nos pentecostalismos brasileiros, mas ainda há muito que se refletir nesse quesito, assim como nesse ponto em relação ao cristianismo de uma forma geral. Mostra-se ainda retrógrada a posição oficial do Magistério católico quanto à ordenação de mulheres ao sacerdócio, revelando assim a necessidade de superação do dualismo persistente nessa visão.

mecanismos de *autodefesa* diante das Igrejas e da sociedade brasileira que no passado não cooperaram efetivamente na construção do movimento.

Um caminho válido para a superação do dualismo no movimento pentecostal brasileiro será o do diálogo, da ajuda mútua e da escuta em relação às outras Igrejas. Isso quer dizer: unir as forças, superar as diferenças, aprender mais sobre o que é o Reino de Deus e a missão comum, em meio à pluralidade já construída por outros anteriormente, aprendendo que unidade não significa uniformidade, ou ainda mais: a autêntica existência cristã só poderá ser vivida de forma leal ao Reino sendo simplesmente *unidade na pluralidade*.